

## RESENHA

# UMA HISTÓRIA DO TURISMO E DA “CIDADE MARAVILHOSA”

A History of Tourism and of the “Wonderful City”

AIRTON JOSÉ CAVENAGHI<sup>1</sup>

### RESUMO

**História do Turismo no Rio de Janeiro**, organizado por Amanda Danelli Costa e Antonio Edmilson Martins Rodrigues, analisa a vertente interpretativa relacionada à História e ao Turismo. A publicação pode servir de baliza para a atual forma de compreender a História do Turismo. Trata-se de coletânea de artigos que abordam a presença do turismo na cidade do Rio de Janeiro, em momentos distribuídos em quase três séculos de história da cidade. Os artigos estão distribuídos em duas partes, sendo a primeira composta por cinco textos e a segunda por sete. Todos refletem sobre situações nas quais o turismo é o elemento histórico a ser analisado, buscado em manifestações cotidianas significativas da história da cidade do Rio de Janeiro, que por ser capital do Império e da época republicana, foi o palco inicial daquilo que na atualidade chamamos de manifestações turísticas.

### PALAVRAS-CHAVE

Turismo; História do Turismo; Rio de Janeiro, Brasil.

### ABSTRACT

The book *History of Tourism in Rio de Janeiro* is organized by Amanda Danelli Costa and Antonio Edmilson Martins Rodrigues and analyzes the interpretative aspect related to History and Tourism. The publication can serve as a guide to the current way of understanding the History of Tourism. This is a collection of articles that analyze the presence of tourism in the city of Rio de Janeiro, at moments spread across almost three centuries of the city's history. The articles are distributed in two parts, the first consisting of five articles and the second of seven. They reflect on situations in which tourism is the historical element to be analyzed, sought in significant daily manifestations of the history of the city of Rio de Janeiro, which, being the capital of the Empire and in the republican era, was the initial stage of what we today call tourist events.

### KEYWORDS

Tourism; Tourism's History; Rio de Janeiro, Brazil.

---

<sup>1</sup> **Airton José Cavenaghi** – Doutor. Professor Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Hospitalidade, Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo/SP, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/8415372088403504>. E-mail: [acavenaghi@gmail.com](mailto:acavenaghi@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

O livro *História do Turismo no Rio de Janeiro*, organizado por Amanda Danelli Costa e Antonio Edmilson Martins Rodrigues, é a mais nova literatura em língua portuguesa a analisar a vertente interpretativa relacionada a História e o Turismo. Essa faceta é fruto de discussões de encontros científicos na ANPTUR, Associação Nacional de Pesquisadores em Turismo, inicialmente coordenador pelas professoras Susana Gastal, Valéria Guimarães e pelo professor André Barcelos Damasceno Daibert, e mais recentemente na ANPUH, Associação Nacional de História, em grupo coordenado pelas professoras Valéria Guimarães e Sênia Bastos. Sua publicação aparece após 10 anos da publicação que pode servir de baliza para a atual forma de compreender a História do Turismo. Quando foi lançado, *História do Turismo no Brasil* (2013), ajudou a moldar as diretrizes interpretativas utilizadas na atual coletânea aqui resenhada.

O livro em questão trata de uma coletânea de artigos que analisam a presença do fenômeno do turismo na cidade do Rio de Janeiro, em momentos distribuídos em quase três séculos de história da cidade. Cada artigo está distribuído em duas das partes do livro, sendo a primeira composta por cinco artigos e, a segunda, por sete. Eles refletem sobre situações nas quais o turismo é o elemento histórico a ser analisado, buscado em manifestações cotidianas significativas da história da cidade do Rio de Janeiro, que por ser capital do Império e na época republicano, foi o palco inicial daquilo que na atualidade chamamos de manifestações turísticas.

A primeira parte, intitulada *A imagem turística do Rio de Janeiro em perspectiva*, em seu artigo inicial analisa *A circulação da paisagem carioca na Europa oitocentista como publicidade turística* (p.17). De autoria de Isabella Perrotta, o texto detalha a produção iconográfica da paisagem carioca, principalmente após o século XVII, além de analisar a dificuldade que a proibição portuguesa de difusão de informações sobre o Brasil, ainda na época colonial, impôs. Com a Abertura dos Portos em 1808, registros da paisagem carioca despontam em inúmeras publicações e moldam um imaginário que no futuro, seria absorvido pelo aparecimento do fenômeno turístico.

Convém recordar que registros paisagísticos e cotidianos no Brasil anteriormente a Abertura dos Portos em 1808, eram raros e limitavam-se aos locais nos quais havia uma circulação de capitais que atraíam artistas e havia uma riqueza que financiava essa produção, tal como nas Minas Gerais no século XVIII, em função do ciclo aurífero, e a própria cidade do Rio de Janeiro por ser centro político e econômico no período.

No próximo artigo, *Marc Ferrez, empresário: cartões-postais e cinema, artefatos e uma imagem turística moderna da cidade do Rio de Janeiro* (p.35), de autoria de Amanda Danelli Costa, é discutido o papel do fotógrafo Marc Ferrez e a sua produção fotográfica, principalmente de cartões-postais, na formação e circulação da paisagem do Rio de Janeiro. Cartões-postais foram poderosos instrumentos de divulgação da imagem do país em especial durante o século XIX e primeira metade do século XX. Marc Ferrez para a cidade do Rio de Janeiro e Guilherme Gaensly, de forma semelhante, para a cidade de São Paulo, ajudaram a manter uma memória destas cidades. No artigo de Amanda D. Costa a trajetória de Marc Ferrez é analisada, assim como o legado de seu trabalho na formação do imaginário turístico contemporâneo. São Paulo por exemplo antes do ciclo econômico do café, foi timidamente registrada em fotografias, nas quais destacam-se as produzidas por Militão Augusto de Azevedo (Cavenaghi, 2008).

No terceiro artigo, *A Exposição Universal de 1922 e as expectativas sobre a transformação do Rio de Janeiro em uma cidade turística* (p.49), de Lara Jogaib Nunes e Leila Bianchi Aguiar, é discutido como a Exposição Universal de 1922 serviu de base para a divulgação da ideia de suposto progresso pelo qual o Brasil passava e procurava demonstrar ao mundo naquele momento. A apresentação das melhorias urbanísticas, em especial na capital federal, procurou mostrar que o país em seu Centenário de Independência, estava apto a fazer parte desta ‘modernidade’ para a qual o fenômeno turístico era uma nova realidade.

No próximo artigo, *Os primeiros passos do turismo organizado na cidade do Rio de Janeiro: notas sobre a atuação da Sociedade Brasileira de Turismo na década de 1920* (p.67), escrito por André Barcelos Damasceno Daibert, há um relato estruturado sobre a Revista Brasileira de Turismo, editada pela própria Sociedade de Turismo do Rio de Janeiro, na segunda década do século XX. André traz um modelo metodológico de análise que procura demonstrar que o fenômeno turístico é fruto do capital, ou seja, nasce “como forma de lazer, [...] como uma nova possibilidade de produção e reprodução do capital” (p.70). André também nos lembra do processo de urbanização da gestão do prefeito Pereira Passos, que amparado por um processo higienista, transformou a paisagem urbana de maneira a acomodar uma suposta ‘modernidade’”, necessária a este mesmo capital, fato que ele intitulou de “Os Planos de Melhoramentos e o início do turismo organizado” (p.75).

O artigo *O Rio de Janeiro e a “emoção turística” na década de 1930* (p.85), de Celso Castro, encerra a primeira parte desta coletânea. Neste capítulo o autor analisa três livros publicados

entre 1935 e 1940: *Imagem do Rio de Janeiro*, de Osvaldo Orico (1935); *Rio*, de Hugh S. Gibson (1937), e *Un turista en el Brasil*, de José Casais (1940). Suas discussões já refletem características de um país que caminhava para se tornar mais urbano do que rural. Fato que aconteceria após os anos de 1950 e a inauguração de Brasília, a nova capital federal. Devemos lembrar que até 1930 a Ilha Porchat no litoral sul paulista, por exemplo, ainda preservava sua vegetação nativa e estava quase que totalmente despovoada, isso em trecho litorâneo próximo a cidade de São Paulo, que no mesmo ano atingia 1 milhão de habitantes. Com um foco nesta ‘literatura de viagem’, esta modalidade de escrita enfatiza os lugares consagrados para a visitação do viajante e que desta forma ajudaram a moldar o futuro da paisagem da cidade.

A segunda parte desta coletânea, também intitulada “Equipamentos turísticos, eventos, atrativos e produtos culturais no Rio de Janeiro”, inicia com o texto de Ulisses S. Fernandes e Natasha S. Barboza, intitulado *O Copacabana Palace Hotel e a g nese do turismo de praia no Rio de Janeiro do primeiro quarto do século XX* (p.107), O texto é muito interessante, ao analisar o ‘equipamento turístico’ não apenas pela sua estrutura arquitet nica, mas também pela sua rela o com seu entorno: paisagem e localiza o urbana. A presença do hotel criou aquilo que os autores chamam de “imaginário coletivo” (p.108), para a região do bairro de Copacabana e também para uma elite capaz de usufruí-lo. Inclusive, a presença do Hotel está associada a “g nese do turismo de praia”(p.119).

O próximo artigo, *O papel das referências históricas para o estudo da experiência de transportes como experiência turística: Trem do Corcovado e o Bondinho Pão de A ugar na cidade do Rio de Janeiro* (p.131), de Carla Fraga e Vera Lúcia Bogéa Borges, procura analisar a “experiência do transporte como experiência turística” (p.131). Esta análise é bastante oportuna no momento contemporâneo do turismo, no qual o deslocamento   também uma atividade a ser analisada. Talvez a primeira experiência de lazer , relacionado ao deslocamento de viajantes no Brasil registrada em obra literária, seja “Doze horas em diligência: guia do viajante de Petrópolis e Juiz de Fora” (Klumb, 1872 [2014]). Fartamente ilustrado, por litogravuras feitas a partir de imagens fotográficas,   até os dias atuais, uma obra referenciada por pesquisadores ao ilustrar os costumes e saberes dos viajantes no período.

No terceiro artigo desta parte do livro, *Confetes, Flores e Fogos: o réveillon carioca e sua transforma o em megaevento* (p.153), escrito por Roberto Vilela Elias e Ricardo Ferreira Freitas, analisa a origem e desenvolvimentos dos festejos de Reveillon na cidade do Rio de

Janeiro e sua transformação em um dos maiores eventos a céu aberto do mundo, chegando a reunir mais de dois milhões de pessoas na praia de Copacabana. Antes o chamado “ano bom” (p.155), acontecia em diferentes espaços urbanos da cidade. Com a abertura de um túnel em 1892, para a passagem de bondes para a praia de Copacabana, fruto das reformulações urbanas do então prefeito Pereira Passos, é considerado uma espécie de marco inicial de organização deste tipo de festejo, fato que marcaria o megaevento<sup>2</sup>, que é a comemoração do Reveillon na praia de Copacabana, na atualidade.

Seguindo com a leitura, Luciene Carris apresenta o texto *Memórias e histórias de um bairro proletário na zona sul do Rio de Janeiro* (p.169), no qual analisa as transformações do bairro Jardim Botânico, lembrando que de “um bairro de origem rural e operário em fins dos oitocentos, transformou-se num lugar predominantemente de classe média e alta” (p.172). A autora ao descrever a historicidade do bairro chama a atenção para o crescimento daquilo que ela intitulou como ‘turismo de experiência’, a história da constituição do bairro e seu papel na atualidade da cidade do Rio de Janeiro.

A presença da Floresta da Tijuca é uma atração à parte na análise. Fruto da ação do Imperador D.Pedro II, o local que havia sofrido um intenso desmatamento para acomodar uma das primeiras plantações de café no País, foi reflorestado e transformado em uma zona de proteção ambiental. Dom Pedro II havia ficado impactado positivamente por ações de preservação da natureza quando em viagem para os Estados Unidos da América em 1876, ao visitar o primeiro Parque Nacional do mundo, criado em 1872, Yellowstone National Park (ver: *Viagem de Dom Pedro II aos Estados Unidos em 1876 - Yellowstone*).

No próximo artigo “*Favela à vista!*”: *Das primeiras expedições ao turismo organizado* (p.191), escrito por Caroline Martins de Melo Bottino e Celso Castro, mostra como esta experiência turística nasceu e se desenvolveu no mundo, e no caso brasileiro, em especial após a ECO-92. Os autores analisam de maneira precisa e crítica a historicidade do desenvolvimento deste tipo de atividade, demonstrando que a prática se associou a busca de uma espécie de ‘turismo de autenticidade’. Para eles, o “ingresso da favela como atrativo no ‘trade’ turístico, portanto, deve ser compreendido nesse contexto mais amplo, pela sua extensa trajetória, e não como uma ‘invenção’ ou ‘inovação’ isolada” (p.205).

*Do flâneur ao rolé: a redescoberta do prazer de passear pelo Rio Antigo* (p.207), escrito por Valéria Lima Guimarães e Danilo Fontes, analisam o “ato de passear pelo Centro Histórico do

Rio” (p.207). Os autores propõem um olhar sobre a cidade e, no caso específico, o Centro da cidade do Rio de Janeiro, com um viés ‘histórico’, para assim compreendê-la em sua evolução urbana, identificando a permanência de uma memória da coletividade. Os autores conduzem o leitor a perceber a historicidade da cidade, observando o crescimento de turistas na região principalmente após a epidemia de Covid-19. Trata-se de um texto lucido e bastante crítico ao demonstra que o ‘turismo histórico urbano’ é uma vertente que poderia ser mais bem explorada, demonstrando novas possibilidades econômicas satisfatórias para o viajante e a população local. O artigo finaliza oferecendo “hipóteses sobre a intensificação das práticas turísticas no Centro Histórico do Rio de Janeiro” (p.218). Estas hipóteses são bem pertinentes e mereceriam ser percebidas em sua totalidade pelos atuais gestores públicos.

Finalizando o livro tem-se o artigo *Mudanças recentes no circuito do choro: influências da Escola Portátil de Música no lazer e no turismo da cidade do Rio de Janeiro*, de autoria de Julia Santos Cossermelli de Andrade se propõe “investigar a geografia do choro carioca” (p.225). Ao discutir as ações da Escola Portátil de Música [EPM], os autores mostram mudanças relacionadas aos lugares nos quais seria possível escutar manifestações musicais ligadas ao “choro”. As ações da EPM mostram desde preservação de acervos relacionado ao choro, como também gravadoras especializadas neste tipo de gênero musical. Os autores ao discutirem o “conceito de circuito do choro” (p.230), estabelecem uma nova maneira de percepção deste tipo de musicalidade em nossa época contemporânea.

A obra que aqui se apresenta, é um poderoso instrumento de compreensão do turismo como fenômeno histórico e demonstra que a sua narrativa dissociada exclusivamente de personagens, é a melhor forma de sua compreensão. Por ser um fenômeno social, político e econômico coletivo, o turismo apoia-se na compreensão da história do local em que se manifesta. Esta forma de manifestação do fenômeno é um dos pilares de sua compreensão. Modelos padronizados e mensurados não revelam particularidades da construção da atividade, apenas expressam sua contemporaneidade, negligenciando a coletividade dos autores envolvidos no processo até aquele momento.

## REFERÊNCIAS

BN Digital Brasil (2021). *Viagem de D. Pedro II aos Estados Unidos em 1876*. Yellowstone. [Link](#)

Cavenaghi, A. J. (2024). Uma História do Turismo e da "cidade maravilhosa". *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 16(3), 435-441.  
<http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v16i3p435>

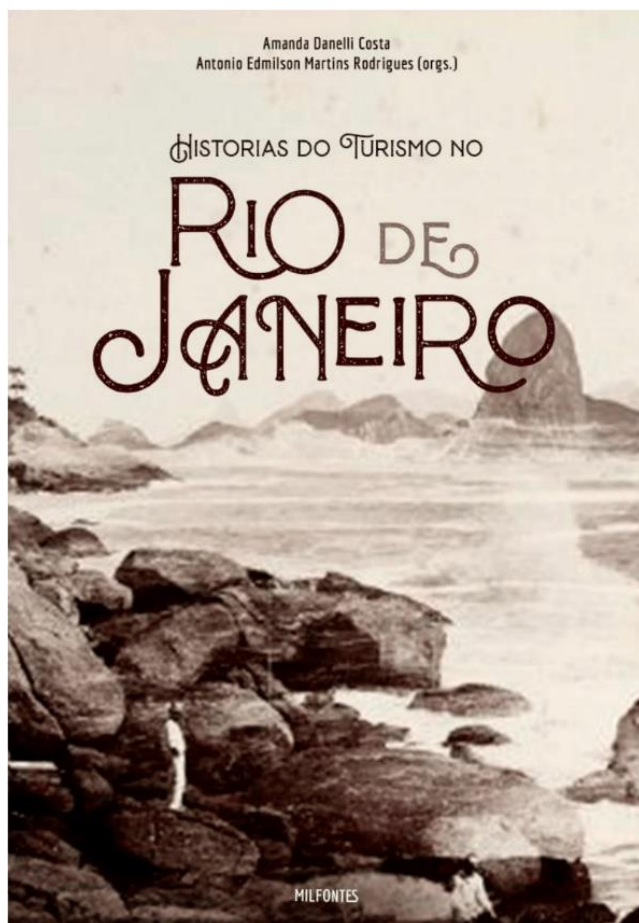
Castro, C., Guimarães, V. L., & Magalhães, A. M. (orgs.) (2013). *História do Turismo no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV.

Cavenaghi, A. J. (2008). Niépce: "a invenção que fiz...". *Domínios da imagem*, 2(3), 7-18. [Link](#)

Costa, A. D., & Rodrigues, A. E. M. (2023) (orgs.). *História do Turismo no Rio de Janeiro*. Serra, Espírito Santo: Milfontes. [Link](#)

Fernandes Júnior, R. (2003 (ed.)). *De volta à luz: Fotografias nunca vistas do Imperador*. São Paulo: Banco Santos; Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional.

Klumb, H. R. (1872 [2014]). *Doze Horas em Diligência: guia do viajante de Petrópolis a Juiz de Fora*. Rio de Janeiro: FBN. [Link](#)



Costa, A. D., & Rodrigues, A. E. M. (2023) (orgs.).

***História do Turismo no Rio de Janeiro.***

Serra, Espírito Santo: Milfontes

441

#### PROCESSO EDITORIAL

**Recebido:** 13 abril 2024

**Aceito:** 13 junho 2024